



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

**LEANDRO HENRIQUE DE SOUZA BEZERRA**

**EU FOFOCO, TU FOFOCAS E NÓS APRENDEMOS:  
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II**

**MONTEIRO**

**2017**

**LEANDRO HENRIQUE DE SOUZA BEZERRA**

**EU FOFOCO, TU FOFOCAS E NÓS APRENDEMOS:  
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II**

Artigo apresentado ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva.

**MONTEIRO**

**2017**

B574e Bezerra, Leandro Henrique de Souza.  
Eu fofoco, tu fofocas e nós aprendemos [manuscrito] : uma proposta para o Ensino Fundamental II / Leandro Henrique de Souza Bezerra. - 2017.  
58 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,  
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Letramento. 2. Gêneros textuais. 3. Estrutura didática do ensino . 4. Ensino Fundamental II .

21. ed. CDD 398.5

LEANDRO HENRIQUE DE SOUZA BEZERRA

**EU FOFOCO, TU FOFOCAS E NÓS APRENDEMOS:  
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II.**

Artigo apresentado ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva.

Aprovada em: 13 de dezembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**



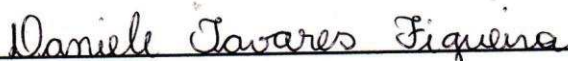
Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Bruno Alves Pereira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Daniele Tavares Figueira

5ª Regional de Ensino da Paraíba

Aos meus professores, pela  
maestria, conhecimento e  
aprendizagem ao longo do curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Altíssimo Onipotente, por minha vida e a daqueles que contribuíram para a construção do meu caráter.

Ao professor Marcelo Medeiros, pelas cobranças e incentivo ao longo dessa orientação, como também por seu comprometimento no decorrer de todo o curso.

Aos meus familiares, pais, irmãos e, aos poucos amigos/as que tenho, pois são fiéis comigo mesmo quando não mereço.

Àqueles/as que não acreditaram no meu esforço e competência, pois com eles, descobri que tenho forças para ir além de onde estou.

À Francisco Ribeiro, companheiro de trabalho e amigo, que me incentivou a continuar escrevendo.

Aos meus amigos/as de jornada, enquanto estive no PIBID, pelos momentos de alegria e de muita aprendizagem.

Aos colegas de classe, pelos momentos por passamos juntos ao longo de toda a trajetória e pela amizade.

Aos meus mestres que com muita dedicação e empenho, me fizeram entender a grandiosidade de ser professor.

“O homem é dono do que cala e escravo do que fala. Quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro do que de Paulo.”

Sigmund Freud

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FORMAÇÃO DE LEITORES.</b>	<b>11</b>
<b>3 SABERES E SABORES DA VIDA ALHEIA: METODOLOGIA E AÇÕES EM UMA SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>17</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE A - SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXO A – CORDEL: “O ENTERRO DA BEATA FOFOQUEIRA” .....</b>	<b>53</b>



## **EU FOFOCO, TU FOFOCAS E NÓS APRENDEMOS: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II.**

Leandro Henrique de Souza Bezerra <sup>1</sup>

### **RESUMO**

Embora se baseie em nossas intervenções como bolsista do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola da rede pública de ensino de Monteiro, onde, em uma turma do 7º ano, o presente trabalho não procura relatar as atividades desenvolvidas, mas sistematizá-las de tal maneira que os procedimentos que as constituem possam servir de parâmetros para o desenvolvimento de atividades de promoção à leitura no ensino fundamental II. Para tanto, partimos da escolha de uma temática específica – a da fofoca – e de gêneros textuais também específicos que têm na arte do mexerico uma temática estruturante. Por isso, nossa proposta engloba gêneros distintos como cordel, provérbio, crônica e letras de música que deverão ser lidos à luz da temática da fofoca. Embasamos as nossas reflexões nas orientações teórico-metodológicas de Geraldi (1997), Cosson (2006), Antunes (2003), Oliveira (2010) e demais estudiosos que têm refletido sobre o ensino de língua materna e têm procurado fazer com que tal ensino possa atender às demandas contemporâneas e tornar-se significativo, em especial, para os discentes. Nesse sentido, esperamos que o nosso trabalho, fruto da experiência e de reflexões de um professor em formação inicial, possa auxiliar aqueles/as docentes preocupados com a reformulação de práticas pedagógicas que ainda têm pouco contribuído para a formação de um indivíduo crítico que saiba, por meio da e na linguagem, constituir-se como sujeito de seus discursos e (atu)ações.

**Palavras-chave:** Letramento Escolar. Gêneros Textuais. Sequência - Didática.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho é fruto das nossas intervenções em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Monteiro- PB, Bento Tenório de Sousa, na zona rural, em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II, que, desde o início do ano, é acompanhada pelo Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), criado em 2007 pelo Ministério da Educação (MEC) e efetivado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Fundo Nacional de Desenvolvimento (FNDE). O Objetivo do programa consiste na valorização do magistério, despertando, nos alunos

---

<sup>1</sup> Discente do curso Letras-licenciatura plena em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/ UEPB/ CAPES). Monteiro, Paraíba, Brasil. Email: leandrohenrique00@live.com

de graduação, o gosto de ser professor/a, contribuindo para fortalecer e ressignificar as práticas de ensino ofertado pela rede pública, tornando indivíduos mais críticos e desenvolvendo profissionais que possam, de forma autônoma, desempenhar o seu protagonismo, não somente atuando em sala de aula, mas também fora dela, investindo em formação continuada.

As atividades do PIBID na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) estão atreladas ao projeto Ciências da Natureza, Matemática e Linguagem, no qual estão vinculados os subprojetos das licenciaturas, iniciadas em maio de 2010. Na cidade de Monteiro-PB, no campus VI, as atividades foram iniciadas no segundo semestre de 2012, contemplando os subprojetos na área de Matemática e Letras- Língua Portuguesa.

Sobre o subprojeto da área de Letras- Língua Portuguesa, a equipe é formada pelo seu coordenador de área, dois supervisores e nove bolsistas que passam a atuar em duas escolas da rede de ensino do município. O subprojeto a que nos vinculamos como bolsista teve como escopo a leitura, sobretudo, a de textos literários, enfatizando outros pontos da Língua Portuguesa, como a produção escrita e a análise linguística. Como bolsistas desse programa, desenvolvemos em escolas públicas um conjunto de ações pedagógicas com o objetivo de resignificar a forma como o ensino de Língua Portuguesa é ofertado ao público escolar, propondo novas práticas no que tange ao ensino de leitura e de escrita.

Levando-se em conta a importância do ensino de língua materna nas escolas, e tomando como unidade central da nossa proposta, práticas de leitura e escrita, procuramos pensar em como era possível ressignificar o ensino de língua materna, mais especificamente as práticas de leitura, uma vez que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estipulam que, para que os alunos/as possam se desenvolver e ser capazes de ouvir, falar, ler e escrever dentro dos conformes.

Por isso, o objetivo geral de nosso trabalho é refletir acerca dos procedimentos metodológicos mais adequados para o fomento à prática de leitura no ensino fundamental. Conseqüentemente, visamos apresentar uma proposta para o ensino de leitura a partir de uma temática específica – a arte da fofoca – e a partir de um conjunto de textos que não necessariamente fazem

parte do mesmo gênero textual. Por fim, tendo em vista os objetivos delineados, intentamos, como último objetivo específico, refletir acerca da relevância da proposta apresentada e dos procedimentos metodológicos pensados para o ensino de leitura nas aulas de língua materna.

## **2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Tendo em vista a importância que o ensino de língua materna desempenha na formação de nosso alunado, o professor deve criar condições para que seus alunos não só possam refletir sobre o uso da linguagem, mas saber se valer da linguagem como uma ferramenta tecnológica e social. Por isso, o docente de língua materna deverá considerar que:

- a) a razão de ser das propostas de leitura e escrita é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio;
- b) a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a interlocução efetiva, e não a produção de textos para serem objetos de correção;
- c) as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos. (BRASIL, 1998 p. 19).

Com isso, os PCN apresentam como considerações as situações reais de interação, no que se refere ao uso e reflexão da linguagem, no qual se possa contemplar um modelo de ensino apoiado em práticas que abordem conteúdos que estão contextualizados com a realidade dos alunos/as, que não estejam, necessariamente, vinculados apenas ao livro didático. Por isso, a proposta que iremos apresentar neste trabalho, além de contemplar conteúdos pré-estabelecidos pela escola, como exigência curricular, irá abordar um modelo de ensino-aprendizagem com base nos valores, atitudes e aspectos gerais que estão relacionados ao papel social da escola. Sendo assim, a nossa proposta guia-se, consoante orientação dos PCN, pelos seguintes itens:

- Valorização das variedades lingüísticas que caracterizam a comunidade dos falantes da Língua Portuguesa nas diferentes regiões do país;
- Posicionamento crítico diante de textos [...];

- Interesse, iniciativa e autonomia para ler textos diversos adequados à condição atual do aluno;
- Reconhecimento da necessidade de dominar os saberes envolvidos nas práticas sociais mediadas pela linguagem como ferramenta para a continuidade de aprendizagem fora da escola;
- Reconhecimento de que o domínio da linguagem oral e escrita pode oferecer ao sujeito melhores possibilidades de acesso ao trabalho. (BRASIL, 1998, p.64-65).

Além disso, destaquemos que os conteúdos a serem contemplados em nossa proposta estão articulados em torno do eixo “uso-reflexão” sobre a linguagem, conforme orientam os PCN. Isto é, nossa proposta centra-se em atividades voltadas para o fomento da leitura, mas articuladas a atividades de escrita, de maneira que tanto as atividades de leitura quanto as de escrita procuram levar o aluno à reflexão acerca da língua e da linguagem.

Nesse sentido, guiamo-nos também pelas orientações dos PCN para o ensino médio, os quais, no que se refere ao ensino de língua materna, ressaltam que se deve pensar a aquisição e o desenvolvimento de três competências: interativa, textual e gramatical, incorporadas na solução de situações-problemas. A competência interativa diz respeito das atividades linguísticas, como o diálogo, debates, entrevistas etc., agindo em torno dos interlocutores. A competência textual discorre sobre a capacidade de entender e produzir diversos tipos de gêneros e suas tipologias, contribuindo para o desenvolvimento de idéias sobre um determinado tema, de forma coesa e coerente. Por sua vez, a competência gramatical/ linguística é aquela que envolve conhecimentos sobre a estrutura da língua, como também o seu domínio, nos aspectos fonológicos, morfológicos, sintático e lexical.

Tendo-se em vista que é sobre a prática de leitura para a qual se volta nossa proposta, esclareçamos que concebemos o ato de ler como uma atividade individual, prazerosa e imprescindível para o indivíduo que, a partir dela, é capaz de ser inserido no mundo das ideias e no convívio social. Nesse sentido, os PCN (1997) afirmam que, para que se desperte nos alunos/as o gosto pela leitura que vai além do simples ato de ler, mas que passa pelo gosto e o interesse comprometido com a mesma, o professor terá que motivar os seus alunos/as para a leitura. Sendo assim, a escola precisa, portanto, oferecer

condições favoráveis para que a prática de leitura não se resuma somente ao que está proposto no livro didático, mas se configure como um conjunto de atividades que estimulem o aluno/a desenvolverem a competência leitora a partir do contato com outros materiais, fontes, formatos e em outras vivências, porque ler também é um processo cultural.

Por isso, tendo, sobretudo, como foco o desenvolvimento da competência leitora, uma vez que se encontram, dentro da própria escola, indivíduos desmotivados e apresentando dificuldades na compreensão de textos independentemente do gênero a que tais textos pertençam, este trabalho apresenta uma das ações que realizamos a fim de não só fisgar leitores, mas criar condições de os alunos com quem trabalhamos pudessem desenvolver melhor suas habilidades de leitura e de escrita a partir de atividades que foram elaboradas tendo em vista o gosto de leitura e os horizontes de expectativas dos próprios alunos, conforme pudemos investigar a partir de uma sondagem mediante a aplicação de um questionário.

Esse trabalho surge, portanto, da necessidade de pensar em como é possível realizar experiências bem sucedidas de promoção à leitura a fim de que se possa fomentar outras experiências que sejam significativas tanto para os docentes quanto para os discentes. Acreditamos que o que, de certa forma, pode garantir o êxito das ações que vamos descrever é o fato de procuramos levar em conta a necessidade de trabalharmos com conteúdos que não estejam dissociados da realidade dos nossos alunos. Isso nos garantirá uma maior aproximação com eles e a possibilidade de, com eles, estabelecermos a abertura para o diálogo:

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com* ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é *falar impositivamente*. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto do seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 2001, p. 127-128).

Esse escutar o nosso alunado pode nos auxiliar a perceber que conteúdos poderão estar vinculados à realidade de nossos alunos e, conseqüentemente, poderão ser os mais adequados ao trabalho com a nossa turma com vistas à participação deles nas atividades de leitura e de escrita que visam modificar a realidades como esta descrita por Antunes (2003, p. 20):

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta.

Acreditamos que poderemos modificar um pouco a realidade acima se as atividades de leitura estiverem interligadas por certa unidade temática, como a que proporemos mais adiante. Tal unidade temática poderá despertar um maior interesse e uma maior participação de cada aluno nas discussões e no desenvolvimento das atividades de leitura a serem executadas por eles. Nesse sentido, apostamos que a temática da fofoca pode ser bastante relevante para a formação de leitores. Em outras palavras, como conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, a fofoca, sua natureza e implicações para a vida em sociedade contribuirão para mantermos o interesse dos alunos na resolução das atividades propostas, visto que poderão gerar, de pronto, uma identificação entre textos e leitores, já que, certamente, muitos dos alunos já experienciaram situações em que foram alvo dessa forma narrativa do cotidiano: a fofoca, o mexerico, a detração, conceitos que diz respeito as maneiras do maldizer.

Neste sentido, trabalhar em sala de aula com os alunos/as temas que, não necessariamente, estão integrados aos componentes curriculares da escola, mas que fazem parte do contexto social, no qual eles estão inseridos, pode ser de grande relevância para as aulas de Língua Portuguesa. Por isso, os PCN estipulam as diversas possibilidades, nas várias áreas do currículo da escola, de explorar temas que possam tratar de assuntos ligados a questões como: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, temas locais e também questões vinculadas ao ensino-aprendizagem. Nesse sentido:

a transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade). E a uma forma de sistematizar esse trabalho e incluí-lo explícita e estruturalmente na organização curricular, garantindo sua continuidade e aprofundamento ao longo da escolaridade. Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar de “passar de ano”. (BRASIL, 1998).

Além disso, por se tratar de questões da esfera social, e tão atuais, os temas transversais possibilitam diversas articulações no trabalho com o uso “vivo” da palavra, tais como: a) expressar-se autenticamente acerca de questões afetivas; b) diferentes pontos de vistas e as maneiras de expressá-los; c) o exercício democrático a partir da convivência de outras posições ideológicas; d) o domínio lexical associado a partir das diversas temáticas. Dessa maneira, o trabalho com a temática da fofoca também pode ser classificado como um tema transversal, por ser uma temática que está relacionada a condutas de valores éticos, e de respeito ao próximo, além de nos ter favorecido o trabalho com as práticas linguísticas, pois houve uma exposição oral dos alunos/as, leitura de textos, produção de textual e análise linguística, de modo que possibilita ao professor desenvolver técnicas/ métodos que orientam o aluno/a para a aprendizagem do ensino de Língua Portuguesa.

Voltando à temática da fofoca e a sua importância para a formação de leitores, pontuemos que, como afirma Oliveira (2015), a fofoca é uma forma de narrar determinados eventos. Ou seja, alguém, sendo este o fofoqueiro (a), narra acontecimentos acerca de fatos e comportamentos de outros para um ou vários indivíduos. Assim, faz sentido dizer que as fofocas, ao serem comunicadas, obedecem a um encadeamento de ideias, fatos e eventos, proferidos numa ordem lógica e temporal, podendo exercer um forte papel no que se refere a estabelecer conflitos e tensões, fundamentais para o desenvolvimento das narrativas. Outra perspectiva a ser abordada acerca do uso das fofocas em sala de aula é que tal narrativa tende a propiciar vínculos entre as pessoas, pois, segundo (OLIVEIRA, 2015 p. 3), “As fofocas não podem ser vistas como fenômenos independentes. Elas dependem das normas e crenças coletivas e das relações e interações entre os agentes”. Outra faceta

da fofoca é de poder assumir uma dimensão lúdica pelo simples fato de envolver os fofoqueiros numa espécie de competição. Ou seja, se as fofocas proporcionam interação entre as pessoas de um determinado grupo, a arte do mexerico poderá exercer um papel de entretenimento, já que, nesse caso, provoca nos agentes envolvidos uma espécie de competição cujo interesse principal é ganhar a atenção alheia, com o intuito de fazer com que o ouvinte deixe-se conduzir por sua forma persuasiva de narrar ou relatar um fato.

Outra perspectiva acerca do fenômeno das fofocas pode ter a sua discussão ampliada a partir do livro “A detração: breve ensaio sobre o maldizer, do estudioso Leandro Karnal, no qual o autor discorre sobre a arte de fofocar, da seguinte maneira:

ao falarmos mal de alguém, imediatamente, eu começo a estabelecer o fato, que eu e você, ao falarmos de uma terceira pessoa, estamos estabelecendo uma aliança. Nós não somos aquela terceira pessoa. Isso cria a nossa identidade. Isso cria uma relação de amizade. Você é amigo também por falar mal de x ou y, e falar bem de x ou y (KARNAL, 2016, p.14).

Com isso, o pesquisador nos diz que “toda detração, fala mais do detratador do que do alvo da sua mentira”, logo, podemos mencionar aquela velha expressão de teoria psicanalítica básica freudiana: “Quando Pedro fala de Paulo, Pedro fala mais de Pedro do que de Paulo.” Ou seja, toda forma de maldizer, seja ela conhecida como fofoca, detração ou mexerico, tem como objeto alguém, que trará uma conseqüência, a que diz respeito ao fato de que toda vez que eu apontar um dedo para alguém, haverá três dedos apontados de volta para mim.

Quando acusamos uma terceira pessoa de alguma coisa, formuladas pelo eu e o tu, logo estaremos expondo as nossas dores, pois falar mal de alguém, implica dizer que estou falando de algo que incomoda a nós. Para isso, vale lembrarmos aquele velho aforismo grego: “Conhece-te a ti mesmo”, por isso, devemos ter cuidado, porque ao praticarmos a detração, estamos expondo a nós mesmos aos outros, e muitas vezes não damos conta disso, ou não queremos.

Portanto, dada a importância desta obra para a nossa proposta de se trabalhar com a temática da fofoca, o pensador Leandro Karnal, no seu livro,



trata das múltiplas modalidades do maldizer, de forma bem estruturada e ao mesmo tempo, bem-humorada, sem deixar de discorrer de maneira intelectual e bastante sensata sobre as diversas temáticas que norteiam a sua obra.

Esclarecido isso, este trabalho evidencia como a fofoca nos uniu não só para falar da vida dos outros, mas para aprendermos com a vida alheia conteúdos da disciplina de língua portuguesa, uma vez que, se a fofoca foi o mote de nossas aulas, nos valem os “provérbios” para pensarmos como, nesse gênero que condensa saberes atemporais de domínio popular, o falar sobre a vida dos outros se encontra representado. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que as fofocas “podem ser tratadas como um fenômeno social fundamental da vida cotidiana, com peculiaridades sociológicas próprias” e, como tal, elas podem “servir como veículo moralizador, [atuando] como “fala falada” de preceitos morais, mesmo em bocas que sofrem estigmas neles baseados, uma vez que eles são fundamentais para a constituição de preconceitos e práticas de discriminação” (OLIVEIRA, 2010).

Levar, pois, nossos alunos a refletirem sobre a fofoca como esse elemento fundante na vida cotidiana e, portanto, perceberem que os mexericos não são nada inocentes e que, a partir da reflexão sobre a arte de fofocar, é possível instruir-se a partir de competências e habilidades determinadas pela instituição escolar, são um dos objetivos que esperamos alcançar com a proposta que será detalhada na seção seguinte.

### **3 SABERES E SABORES DA VIDA ALHEIA: METODOLOGIA E AÇÕES EM UMA SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Ao sistematizarmos as ações que descreveremos aqui, a nossa preocupação era que elas pudessem contribuir com a formação de leitores na educação básica, uma vez que os nossos alunos do ensino fundamental precisam chegar ao ensino médio com competências (de fala, leitura, escrita e oralidade) que lhes possibilitem prosseguir seus estudos e, assim, possam se valer desses conhecimentos como ferramentas sociais que não só garantirão a eles/as um emprego, mas, sobretudo, um lugar de sujeito em meio às várias instâncias sociais nas quais circularão.

Para isso, torna-se preciso enxergar o professor como o principal mediador no que diz respeito ao despertar no/a aluno/a o interesse e o gosto pela prática de leitura, pois de acordo com Silva (2003, p. 109):

Mais especificamente, para que ocorra um bom ensino da leitura é necessário que o professor seja ele mesmo, um bom leitor. No âmbito das escolas, de nada vale o velho ditado “faça como eu digo (ou ordeno!), não faça como eu faço (porque eu mesmo não sei fazer)” isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura.

O professor, dentro da sala de aula, é o principal responsável pelas atividades escolares, como também tem o dever de ser ele mesmo a referência de um sujeito leitor para os seus alunos/as, tanto para despertar nos alunos/as a excelência pelo gosto da arte de ler, assim como, de poder contribuir com as suas aulas de forma significativa e mais produtiva.

Para tanto, defendemos que as ações a serem desenvolvidas precisam ser bem pensadas e planejadas antes de serem executadas. Se considerarmos que, dentre as contradições que grassam na educação brasileira, está a existência de docentes que estão presos ao livro didático e quase nenhum outro recurso trazem para a sala de aula ou quando o trazem utilizam a mesma abordagem do que está disposto nos livros didáticos; se considerarmos que há docentes que recorrem ao improviso como recurso pedagógico corriqueiro, as sequências didáticas são um recurso didático que podem contribuir para uma ressignificação das práticas de sala de aula, visto que elas podem amenizar essa cultura do improviso pedagógico e possibilitar ao docente uma sistematização melhor das aulas.

Essa sistematização é de suma importância não só porque mostra o caminho que o docente construiu para trabalhar os conteúdos escolares, mas também porque, a nosso ver, deixa claro para os alunos a razão de ser de estarem estudando determinados conteúdos, lendo certos textos, realizando estas e não aquelas atividades. Em suma, se as atividades de promoção à leitura forem sistematizadas, não necessariamente sob a forma de sequência didática, conforme a escola de Genebra, isso é importante porque essa sistematização evidencia uma integração melhor entre o que se deve ensinar e

o que o aluno precisa aprender. Por isso, pensando em tal sistematização de atividades, é que passamos a apresentar as atividades abaixo que envolvem os seguintes gêneros textuais:

**Quadro 1: Gêneros textuais utilizados na sequência didática**

<b>Gêneros Textuais</b>	<b>Suporte</b>
Provérbios (temas relacionados às fofocas)	Livro: O grande livro dos provérbios
Literatura de cordel	Cordel: O enterro da beata fofoqueira
Música “Vitalina”	CD
Música “Bom Conselho”	CD

Ao longo da sequência, além da leitura e da escuta dos textos mencionados, podem ser requisitadas aos alunos as demais atividades, conforme sistematizadas no quadro 2 abaixo:

**Quadro 2: Atividades de leitura e de escrita da sequência didática**

<b>Atividade</b>	<b>Código de identificação</b>
Produção de um questionário que introduzirá a temática da fofoca	Ativ 1
Dinâmica do telefone sem fio	Ativ 2
Análise de imagens	Ativ 3
Leitura de textos retirados do livro dos provérbios	Ativ 4
Leitura e análise do cordel	Ativ 5
Leitura e análise do texto “Vitalinas”	Ativ 6
Audição e análise da canção “Vitalina”	Ativ 7
Dinâmica do jogo dos provérbios	Ativ 8
Audição e análise da canção “Bom conselho”	Ativ 9
Dinâmica dos “emoticons de whatsapp”	Ativ 10
Confecção do “painel da sabedoria popular”	Ativ 11

No Exemplo 1 a primeira parte da nossa sequência didática foi destinada à formulação de uma série de perguntas sobre a arte de fofocar, tais como:

**Exemplo 1:<sup>2</sup>**

- O que é fofocar?
- O que leva uma pessoa a fofocar?
- Você tem ou conhece um amigo (a) fofocador (a)?
- É possível confiar em alguém fofocador?
- A fofoca pode provocar intrigas ou inveja nas outras pessoas? Quem fofoca mais, o homem ou a mulher?

Essas indagações terão o objetivo de sondar os conhecimentos dos alunos acerca da prática de mexericos e instigar à discussão sobre o tema proposto como objeto de estudo. Ao passo que forem respondidas as perguntas, devermos notar, quase que intuitivamente, que no horizonte de expectativas dos alunos as respostas apontarão para uma ideia recorrente acerca da fofoca como algo negativo. Logo, fofocar poderá ser visto por eles por uma óptica depreciativa, como algo que fosse praticado por todos ou pelo menos pela grande maioria, posto que fofocar será caracterizado pelos alunos como sinônimo de “falar mal do outro”. De fato, se fofocar for classificado como algo negativo, quem pratica tal ação também será apresentado pelos alunos/as a partir de uma perspectiva negativa/ depreciativa, uma vez que, ao serem indagados acerca de como descreveriam as características de um fofocador/a, alguns alunos responderiam, evidentemente, que o fofocador é uma pessoa falsa, que falta com a verdade”; “é um amigo/a que sente inveja” etc.

Se tudo ocorrer dessa maneira, nesse primeiro momento, perceberemos que a temática haverá agradado a turma, pois mobilizará todos os alunos à participação, já que a ideia provocará uma disputa entre os meninos e as meninas, que, por apresentarem pontos de vista muitas vezes opostos, buscarão argumentos para defenderem o seu ponto de vista.

Em seguida, com o intuito de dinamizar um pouco a aula e fazer com que a turma interaja, em especial, alguns alunos que demonstrem pouco interesse nas aulas, pode-se realizar uma dinâmica como atividade motivacional.

---

<sup>2</sup> Os exemplos de perguntas estão aqui apresentadas conforme aparecem na sequência didática.

Consequente a isso, pensando a respeito da desmotivação pelos alunos/as no que toca a prática da leitura, encontrada pelo professor, de forma rotineira em sala de aula, torna-se necessário pensar-se sobre ela, pois:

A motivação do aluno, por tanto, está relacionada com trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula. Surge daí a conclusão de que seu estudo não pode restringir-se à aplicação direta dos princípios gerais da motivação humana, mas deve contemplar e integrar os componentes próprios de seu contexto. (KNÜPPER, 2006, p.11).

Com isso, entende-se que a importância de se trabalhar em sala de aula com atividades motivacionais, se faz extremamente necessária, a partir do momento em que o professor entrar com o objetivo de, por meio delas, fazer com que os seus alunos/as possam se envolver ainda mais com as atividades empregadas, como também, motivá-los para irem além delas, desenvolvendo as suas capacidades, tanto na leitura, quanto na escrita, como também em saber expressar-se publicamente, tendo vista, que em alguns casos, a falta de motivação pode ser originada pelo fato de se encontrar em sala de aula, alunos/as muito tímidos/as, com baixa autoestima. Nesse sentido, o professor precisa se apropriar de mecanismos que possam fazer com que os sujeitos envolvidos em sala de aula, interajam com os demais, afim de não se sentirem excluídos ou incapazes de cumprirem com o que será aplicado pelo professor.

Sugerimos que seja a já conhecida como “Telefone sem fio”. Além de atividade motivacional, a escolha dessa dinâmica dá-se em virtude de, a partir dela, podermos levar os alunos a refletirem sobre os ruídos e/ou deturpações que acontecem na transmissão de informações entre as pessoas e, conseqüentemente, sobre as implicações decorrentes de alguns mal entendidos que podem surgir durante a comunicação diária entre as pessoas. Muitos desses mal entendidos podem dar origem a fofocas entre um ou outro indivíduo, por se tratar de um processo de comunicação, no qual, são colocados os seus agentes com objetivos diferentes, diferenciando apenas com qual intenção cada um irá se posicionar, pois há quem pratica a fofoca, sendo este o detrator, logo, assume o papel da primeira pessoa, o eu, que junto com a segunda pessoa do discurso, o tu, acusa uma terceira pessoa, o ele ou ela,

no qual, este/a sofrerá com uma determinada acusação, carregada por uma série de informações que perpassam além deste ciclo de pessoas, acarretando assim, no que vem a ser os mal entendidos ou boatos, sofridos pela terceira pessoa do discurso.

Considerando que o gênero que sugerimos ser trabalhado é o provérbio, a dinâmica do “Telefone sem fio” pode ser aproveitada para que os alunos, durante a realização dela, já possam ir tendo contato com alguns provérbios. Ou seja, a mensagem que os alunos devem transmitir entre si consiste em provérbios ligados ao campo do fofocar e dos cuidados com o muito falar, tais como:

No Exemplo 2, pontuamos alguns desses provérbios acerca da arte do fofocar.

#### **Exemplo 2:**

- “Quando morrer o corpo vai num caixão e a língua num caminhão”;
- “Fulano tem coceira na língua”;
- “Boca fechada não entra mosca”;
- “Quem muito fala dá bom dia a cavalo”;
- “Quem conta um conto aumenta um ponto”.

Para tanto, deve-se dispor a turma em círculo e explicar que será transmitida uma mensagem para o primeiro aluno e este deverá passá-la para o colega ao lado e, assim, sucessivamente, até chegar ao último aluno. Deve-se também pedir aos alunos atenção na hora de repassar a mensagem porque esta precisa ser transmitida de forma que ninguém a escute com exceção daquele que a estará recebendo. Logo após, deve-se pedir que o último aluno nos diga qual foi a mensagem que ele recebeu. Nesse momento, revela-se à turma qual era a mensagem inicial a fim de refletirmos sobre o que foi transmitido inicialmente e o que, realmente, foi compreendido pelos alunos e repassado aos demais. Se a mensagem sair truncada, os alunos devem ser levados a refletir sobre o que provocou isso. Caso não venha a ocorrer distorção alguma, isso precisa ser também objeto de reflexão para só depois prosseguirmos com as demais atividades da sequência.

Diante disso, essa proposta de atividade se torna importante, pois com ela torna-se possível fazer com que os alunos compreendam que uma boa comunicação só se torna possíveis se os participantes tiverem uma boa atenção e comprometimento com a veracidade da mensagem e que, sem isso, toda e qualquer comunicação poderá ter o conteúdo da sua mensagem comprometida, seja por fatores internos que correspondem ao fato de os seus agentes envolvidos não se comprometerem com a veracidade da mensagem, podendo assim comprometer no processo de comunicação, como externos, barulhos, interferências de outras pessoas no momento da dinâmica, entre outros, podendo, assim, causar ruídos/distorções.

Logo após a realização da dinâmica, o professor poderá por meio de slides demonstrar imagens que fazem menção a gestos, acontecimentos ou coisas que podem fazer referência a pessoas fofoqueiras. No exemplo 3, demonstramos algumas imagens ligadas à temática da fofoca que podem ser trabalhadas na atividade 3.

### Exemplo 3:<sup>3</sup>



Fig. 1 "Fofoca entre amigas" Eugene de Blaas-1901. Fig. 2 Os bisbilhoteiros, Norman Rockwell-1948

<sup>3</sup> Links de pesquisa para as imagens: <https://www.epochtimes.com.br/eugene-de-blaas-pintor-italiano-que-retratou-mulheres-lindamente/#.WjQGPvCnE2w>

## NOVO BATOM IDEAL PARA OS FOFOQUEIROS



**Idealizado especialmente para  
você, que curte uma boa fofoca!**

Nas melhores lojas do ramo.

<http://ultradiversao.blogspot.com/>

Fig. 3 Disponível em [www.fredcunhanews.com](http://www.fredcunhanews.com)

Após analisar algumas dessas imagens, o ideal é que o professor faça algumas perguntas aos alunos a fim de ter a interpretação de cada uma delas. Sugerimos as seguintes:

O que analisaram? Que traços descritos em cada imagem possam caracterizar um fofoqueiro/a? Que acontecimentos do cotidiano possam apontar para isso? Há a presença de homens e mulheres? Em que espaços sociais a arte do fofocar ocorre com mais frequência? Por quê?

Tendo em vista que a proposta da sequência tem como escopo a reflexão acerca da temática da fofoca, passamos a verificar como ela se encontra representada em outros textos que estão contidos na obra *O grande livro dos provérbios*, de Nelson Carlos Teixeira. No exemplo 4, apresentamos alguns temas que podem ampliar a discussão sobre a fofoca.

### **Exemplo 4:**

Além de ser referência para a abordagem da temática da fofoca, o livro traz uma diversidade de temas que também podem entrar em discussões na aula, como é o caso do “O mentiroso”; “O amigo e o inimigo”; “As más companhias” e o “Invejoso”.



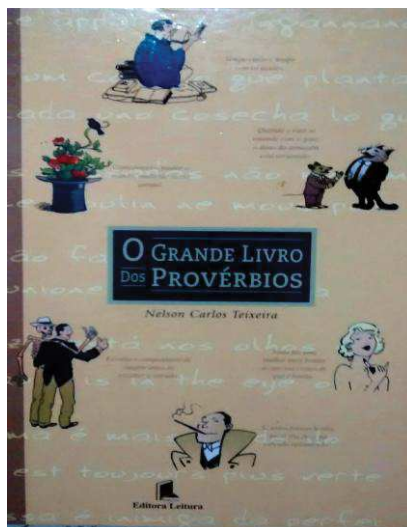


Fig. 4 Imagem da capa do livro dos provérbios.

*O grande livro dos provérbios*, de Nelson Teixeira, apresenta os provérbios em contextos diversos, no qual serão abordados temas que tratam dos ditos populares nas mais variadas situações discursivas. Na sua obra, o autor passa a abordar temáticas como: o amor e o casamento; o jornalista; o político; o empresário; o mentiroso; o professor e o aluno; a mãe; a beleza e a feiúra; destacando os ensinamentos que cada uma delas nos querem transmitir.

O livro apresenta uma linguagem simples, mas muito bem humorada e ao mesmo instante, provoca no leitor uma crítica que o coloca como personagem do próprio livro, pois tem o poder de transportar esse leitor, fazendo-o refletir como sujeito da própria história, através dos ditos populares.

Os provérbios, adágios ou simplesmente ditos populares tem como características as suas mensagens curtas, que transmitem o conhecimento popular, que se consolida ao longo dos tempos. Nesse sentido,

Os provérbios são, pois, como professores, que oferecem conselhos, ensinam regras de comportamento e transmitem observações sobre pessoas ou acerca da natureza, com a vantagem de serem concisos, perspicazes, filosóficos. (TEIXEIRA, 2000 p.11).

Além de nos enriquecer, com um vasto de ensinamentos, o livro nos apresenta uma boa leitura, pois a importância dos provérbios não está somente em significar algo ou transmitir uma mensagem, mas se dá pelo fato de que

eles contribuem para a estruturação do pensamento e, sobretudo, para o conhecimento de si.

Tendo familiarizado os alunos com o assunto, sugerimos que se leve para a sala de aula o cordel “O Enterro da Beata Fofoqueira”, de Janduhi Dantas, o qual poderá propiciar uma melhor reflexão sobre a arte do mexerico:



Fig. 5 Capa e contracapa do cordel

O enredo do cordel acima gira em torno da vida de uma beata que sabia mais da vida alheia do que das contas do próprio rosário. De tanto falar da vida alheia, a beata acaba morrendo e o engraçado é que a sua fiel amiga, a língua, por ser tão grande, precisou ser enterrada em outro caixão.

No cordel, o autor descreve o perfil de um fofoqueiro/a cujo nome é “Toinha”, que, por ser muito faladeira, da vida de todo mundo sabia. A partir desse ponto de vista, o professor poderá pedir para que os alunos/alunas descrevam com base na leitura do texto, as principais características de um mexeriqueiro/a.

Para destacar um fofoqueiro, o autor atribui a Toinha uma pessoa que se apropria da língua, órgão tão importante para nossa vida, pois nos dá a capacidade de saborear o alimento e também nos comunicarmos através da fala, no qual a personagem fazia de seu uso para maldizer as pessoas, onde passa a “reportar” a vida dos outros, como pode se ver nesses trechos:

A vida de todo o povo  
A carola reportava  
Deixava o terço de lado  
e a sua língua afiava  
pra falar da vida alheia

e a tesoura cortava!”  
[...]

Se a missa do domingo  
Dita por Padre Noronha  
o rapaz não fosse, ela  
dizia: “É um sem-vergonha  
deixa de ir para a missa  
para ir fumar maconha.

(DANTAS, 2012, p.2-3)

Considerando que as atividades de leitura devem ser prazerosas, mas que essa leitura por prazer não pode ser um ato acrítico sugerimos no Exemplo 5 que o professor elabore, previamente, algumas questões que possam nortear a discussão em torno do texto após a sua leitura, tais como:

#### Exemplo 5:<sup>4</sup>

1. O que vocês entendem por “Beata Fofqueira”?
2. Em sua opinião, por que para abordar o tema em questão o autor do cordel escolheu a figura de uma beata?
3. O autor do cordel poderia ter escolhido outros personagens? Quais, por exemplo?
4. No cordel, a história se passa em uma cidade pequena, onde vive a personagem fofqueira que, além de ser “faladeira”, é rezadeira. Para você, por que o autor destaca uma cidade pequena? A história não poderia ser narrada em uma cidade grande?

Como no cordel aparece a expressão “morrer no caritó”, achamos por bem sondar até que ponto os alunos conhecem o seu significado a partir de perguntas, já que no cordel nos foi possível elaborar a questão da seguinte forma:

No cordel lido, quando Toinha não sabia de moças sem namorado, ela dizia: “Pobre coitada! Vai morrer no caritó!” O que vem a significar a expressão “**morrer no caritó**”?

As respostas dos alunos à questão acima devem ser expostas no quadro. Além disso, a fim de ampliarmos o horizonte deles acerca do

---

<sup>4</sup> Perguntas elaboradas conforme o que está escrito na sequência didática.

significado da referida expressão no Exemplo 6 indicamos o texto “Vitalinas” para se trabalhar a expressão “morrer no caritó” dentro da atividade 6.

### **Exemplo 6:<sup>5</sup>**

Pode-se levar para a sala de aula um texto de Raquel de Queirós, intitulado “Vitalinas”, retirado da revista “O Cruzeiro”, no qual, discutindo o que é viver, morrer no caritó, a romancista cearense aborda pontos importantes no que tange ao papel da mulher solteira em épocas passadas, evidenciando certos preconceitos que perduram até hoje.

No seu texto, a autora vai fazer uma análise do nome “Vitalina” com a expressão “morrer no caritó”, para mostrar que os seus sentidos estão relacionados e contextualizados, a autora aborda:

Da Bahia para o Sul, pouca gente saberá o que é vitalina e o que é caritó. Caritó é a pequena prateleira no alto da parede, ou nicho nas casas de taipa, onde as mulheres escondem fora do alcance das crianças, o carretel de linha, o pente, o pedaço de fumo, o cachimbo. Vitalina, conforme a popularizou a cantiga, é a solteirona, a moça-velha que se enfeita - bota pó e tira pó - mas não encontra marido (O Cruzeiro- 1959).

Sendo assim, as “Vitalinas” são as solteironas que ficaram esquecidas, que não casaram ou arrumaram namorados, e por isso, foram deixadas de lado, no canto, como um objeto largado no alto de uma prateleira. No entanto, precisa-se dar sentido a essas expressões quando de fato, elas querem nos revelar outra face, a face do preconceito, no qual essas mulheres sofriam, diante de uma sociedade meramente machista e paternalista, quando as mulheres eram tratadas como objetos de desejos e descartá-las logo após o seu uso, e que com isso, eram má vistas pela sociedade por não arrumarem marido, ou por não seguirem o modelo padrão da época imposto para as mulheres. Entretanto, hoje pode-se dizer, que as “Vitalinas”, não estão ficando mais nas prateleiras, pois mesmo que não arrumem um namorado, elas estão ocupando os seus espaços na sociedade, tanto na esfera política, econômica,

---

<sup>5</sup>Texto “Vitalinas” disponível em [www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/19091959/190959\\_7.htm](http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/19091959/190959_7.htm)

e em tantos cargos que só haviam sidos até então, ocupados por homens. No exemplo 7, indicamos uma canção para audição e análise da mesma a ser feita na atividade 7.

### **Exemplo 7:**

Ainda sobre os sentidos da expressão *caritó*, também como aprofundamento do assunto, pode-se levar para a sala de aula a leitura e a escuta da canção “Vitalina”, de Jackson do Pandeiro, que servirá como pano de fundo para a abordagem do vocábulo “caritó” na expressão “morrer no caritó”, intermediado com a leitura do texto da escritora.

A canção Vitalina foi composta por grandes nomes da música brasileira, José Gomes Filho e Anastácio Silva, que foi consagrada na voz do “Rei do Ritmo”, assim como era conhecido o alagoagrandence, Jackson do Pandeiro, nascido em Alagoa Grande-PB. A canção faz parte do disco “A tuba da Muié,” (1975), um conjunto de músicas, no qual há a participação de vários interpretes, e canções como “O Reiterante”, “Robei a Moça”, “O que é o que é”, “Estrada de Espinho” e “Vitalina”. A letra da canção trata da vida de moças solteiras que sonham em encontrar um marido, “Vitalina”, representa essas moças, que na canção, estaria passando dos 30, onde segundo a letra, diz:

Oi, bota pó,  
Vitalina tire o pó,  
Quem não casa aos trinta e dois  
Vai morrer no caritó.

Na segunda parte da música, os autores enfatizam o “namorar”, como pecado, no que Vitalina vai se confessar ao seu vigário, ele responde:

Seu vigário respondeu,  
Tenha pena de mim, tem dó,  
Eu também fui nessa onda,  
Vou morrer no caritó.

Aqui, pode-se destacar como o autor interpreta a sexualidade, que na época era um tabu, no qual havia algo que impedisse de ser discutida ou

experimentada por mulheres e pelas figuras religiosas, que no caso é a de um vigário. A canção Vitalina, trata de imposições feitas às mulheres, no qual, o único papel que elas deveriam assumir seria por meio do casamento, o que resultaria na exclusão pela sociedade, ou má vistas, as que ainda não arrumavam um marido, no caso da personagem, Vitalina.

Depois disso, os alunos podem ser levados a fazer um confronto entre os textos a fim de perceber as diferenças de sentidos expressos tanto no texto de Raquel de Queirós como na canção de Jackson do Pandeiro, evidenciando o que viria a ser, de fato, o significado da expressão dentro dos textos lidos, em especial no cordel em questão. Para isso, o professor poderá formular algumas questões, com a intenção de nortear as discussões, como:

1. Na canção Vitalina de Jackson do Pandeiro, que sentido o autor atribui ao nome “Vitalina”? E quanto à expressão “morrer no caritó”, do que se trata?
2. No texto de Raquel de Queiroz, “Vitalinas”, como foi empregado esses dois termos em destaque?
3. Comparando a canção de Jackson do Pandeiro, com o texto de Raquel de Queiroz, é possível haver uma relação entre os sentidos empregados em cada um deles? Como?

Supondo-se que a reação de quase todos será a mesma, pois a expressão “morrer no caritó” poderá ser descrita pelos alunos como: ficar sem casar; não ter namorado (a) e/ou não ter relações sexuais e entendendo a origem dela, a partir de um contexto histórico, os alunos poderão compreender que nem tudo que se diz corresponde ao seu significado original e que muitas expressões, como os próprios provérbios, vão ganhando outros sentidos quando usados em contextos de uso diferentes, passando a atribuir outros significados pelos falantes.

Com isso, em um primeiro momento, antes de problematizarmos a questão, aprofundando na busca da compreensão da palavra, pode-se pedir que os alunos atribuam um significado para tal expressão. Ao final da leitura e discussão em torno do cordel, do texto de Raquel de Queirós e da canção de Jackson do Pandeiro, pode-se prosseguir instigando os alunos a relacionar esses textos com os provérbios que foram utilizamos na dinâmica do “Telefone

sem fio”. Como sugestão para outra atividade preparatória, no Exemplo 8 apresentamos o jogo de cartas dos provérbios.

### Exemplo 8:<sup>6</sup>

Nesse momento, sugerimos a realização de outra atividade preparatória: o jogo de cartas dos provérbios. Este jogo consiste em fazer com que os alunos, em círculo, relacionem um determinado provérbio expresso em uma carta azul, com outra carta, de cor amarela, que deverá conter a ilustração que se referirá ao provérbio da carta azul. As cartas devem ficar empilhadas em dois montes separados. Um dos alunos terá em mãos o gabarito das cartas, dando as respostas do jogo. Cada combinação corresponderá a um ponto. O interessante dessa dinâmica é que os alunos podem criar outras regras próprias para o jogo, como também conhecer e refletir sobre o significado de cada provérbio a partir da relação com as imagens que representavam os mesmos.

(Ativ 8)



Fig. 6 Exemplos das cartas do jogo a serem confeccionadas

Após mais esse momento de descontração, que não deixa de ser também um momento de aprendizagem, sugerimos no Exemplo 9 que se leve a canção “Bom Conselho”, de Chico Buarque de Holanda para que se faça a escuta e análise da mesma pelos alunos/as na atividade 9.

### Exemplo 9:

<sup>6</sup> As cartas poderão ser confeccionadas conforme o modelo descrito na sequência didática em anexo a este trabalho.

O objetivo é fazer com que os alunos identifiquem os provérbios presentes na canção e reflitam sobre o reaproveitamento que o compositor deu a essa forma de expressão popular bem como sobre os efeitos de sentido emprestados aos provérbios dentro da canção.

A canção foi composta em 1972, durante o conturbado período histórico-político da ditadura militar, que teve início no Brasil em 1964 até 1985. Buarque, e outros nomes da MPB são símbolos da resistência musical, no qual as suas canções contestavam esse regime político.

Canções como esta podem servir como base para se pensar a realidade, como também a situação social e política de um povo e/ ou de uma época.

Dessa forma, torna-se interessante ressaltarmos que a canção “Bom Conselho” é uma boa maneira de se trabalhar com os provérbios, uma vez que a letra é composta por alguns provérbios populares que foram transformados e ressignificados a partir do seu contexto de produção.

Diante disso, passemos a identificar e analisar os provérbios expressos em alguns versos na canção, no qual, tiveram os seus sentidos ressignificados e deslocados em sua composição.

Temos na canção a paródia e a paráfrase como pano de fundo para a desconstrução do sentido dos provérbios.

Segundo Sant’Anna (2003), a paródia e a paráfrase são conceitos pertinentes para construção de novas ideias, a partir do emprego de falas dentro de outros enunciados. Dessa forma, Buarque, por meio desses dois elementos, vai se opor às ideias empregadas pelo povo, indo contra o que os ditos populares queriam dizer ou significar.

Logo no primeiro verso “Ouça um bom conselho que lhe dou de graça” ele se opõe ao provérbio “Se conselho fosse bom não se dava, se vendia”. O autor apondera-se do dito popular e o contesta, dizendo que vai dar um conselho, que vai ser de graça, mas que será um bom conselho.

No segundo verso, Buarque diz: “Inútil dormir que a dor não passa”, ele vai se opor a velha expressão: “É só dormir que a dor passa”. Levando-se em questão, mais uma vez, o contexto de produção, numa época em que havia muito conflito, pois existiam muitas notícias de pessoas desaparecidas, que



eram retiradas de suas casas, torturadas, chegando até ser mortas pelos ditadores.

Na segunda estrofe, Buarque diz: “Espere sentado ou você se cansa” e também no “Está provado, quem espera nunca alcança” ele desdiz o provérbio “Quem espera sempre alcança”, como se o esperar fosse o impulso para se alcançar um determinado objetivo, pois não faz sentido ficarmos somente na espera, é preciso partir para o plano da ação.

No verso o provérbio reformulado pelo compositor “Brinque com meu fogo, venha se queimar”, provoca no leitor/ouvinte a quebra da expectativa, pois este já possui enraizado em memória o provérbio popular “Não brinque com fogo ou você pode se queimar”. Neste, podemos atribuir outras interpretações. Uma vez que, praticamente, todos nós, sabemos que o “brincar” com o fogo pode ser prejudicial a nossa saúde, pois pode causar acidentes. Sendo, a palavra “brincar”, empregada de outra maneira. E a palavra “fogo”, também pode ser interpretada no sentido conotativo, já que pode representar algo de cunho erotizado/ ou caliente. E também pode estar relacionada ao “fogo”, como enfrentamento, da luta contra o regime militar.

Em “Faça como eu digo. Faça como eu faço” e também em “Aja duas vezes antes de pensar”, o autor retoma os provérbios “Faça o que eu diga, mas não faça o que eu faço”, indo em oposição a este. E em “pense duas vezes antes de agir”, o autor usa a expressão que se opõe a esta, “aja duas vezes antes de pensar”, Buarque vai criticar o comodismo das pessoas, aquelas que só idealizam, mas não põem em prática as suas ideias, sendo essas pessoas as que menos tomam atitudes, só sabem ser pessimistas diante da vida. Ele, embora não tenha se apropriado de armas para lutar contra o regime, o mesmo combatia a ditadura cumprindo com a sua vocação de cantor e de artista, que é o de fazer com que a sociedade possa abrir os olhos para o que estava acontecendo ao redor, e comece a mudança a partir delas.

Na estrofe contendo os versos: “Corro atrás do tempo. Vinde não sei onde. Devagar é que não se vai longe”, o autor faz uma apropriação dos ditos populares “A pressa é inimiga da perfeição” e “Devagar se vai longe”, aqui, Buarque, dá uma atenção ao tempo como algo valioso, que precisa ser melhorado e bem aproveitado.

Na estrofe final, podemos ver o deslocamento causado pela paródia: “E semeio o vento na minha cidade. Vou para a rua e bebo a tempestade”, que deforma o texto original, atribuindo outro sentido. Com isso, em “Quem semeia o vento e colhe a tempestade”, o provérbio quer dizer que nossas atitudes trarão consequências, sejam boas ou más. Já no que vai contra, Buarque, a esse provérbio, pode-se dizer que o semear o vento é provocado por suas palavras e que o “colhe tempestades”, pode-se referir aos protestos do povo brasileiro contra o regime militar, que era como uma tempestade, invadindo as ruas e as casas, destruindo os sonhos das pessoas, como também tirando delas o direito de expressarem-se livremente.

Realizadas a leitura e a audição da música, pode-se perguntar aos alunos se eles perceberam alguma semelhança entre o que estava colocado na canção e os textos que vêm sendo trabalhados desde as aulas anteriores. O intuito dessa pergunta inicial é ver se eles reconhecem a presença dos provérbios na letra da música para depois os levarmos a refletirem sobre as inversões/contradições implícitas em alguns versos e revelarem a outra “face” que os provérbios contêm na letra de Chico Buarque. Para isso, no Exemplo 9, podem ser feitas as seguintes indagações:

### **Exemplo 9:** <sup>7</sup>

1. “Você já conhecia os provérbios? Quais? Onde conheceu?”;
2. “Alguém os contou para você? Quem?”;
3. “Em que ocasiões em nossa vida, podemos recorrer aos provérbios?”
4. E por que recorremos a esses ditos em certos momentos?”
5. “Para você, os ditados populares transmitem algum ensinamento? Que ensinamento(s) seria(m) esse(s)?”;
6. “Será que cada provérbio proferido remete a uma realidade específica? Cite um exemplo”;
7. “Na canção, afirma-se: ‘Está provado, quem espera nunca alcança’. Aqui, o autor remete ao provérbio ‘Quem espera sempre alcança’. A seu ver, é possível estabelecer um sentido para as duas expressões?”
8. “Será realmente que quem só espera consegue alcançar algum objetivo na vida?”;

---

<sup>7</sup> Questões referentes à análise de provérbios a partir da canção “Bom conselho”, de Chico Buarque de Holanda.

9. “No verso: ‘Devagar é que não se vai longe’. Que outro dito popular, nega a ideia que o compositor da letra quer passar para o leitor?”.

Após os comentários da turma, pode-se pedir aos alunos que em casa entrevistem os seus pais e avós para saber se eles se lembram de algum provérbio, em que ocasiões faziam uso dos provérbios e o que achavam dessas expressões. Em outro momento, a fim de se trabalhar o gênero em detalhe, através de slides, o professor pode fazer uma aula expositiva a fim de que os alunos possam conhecer as marcas estilísticas e as condições de produção e de circulação dos provérbios, exaltando o caráter sapiencial que esse gênero profere – o provérbio, gênero textual que se configura como um gênero voltado para a oralidade, pois tem como objetivo transmitir ensinamentos de forma hereditária, envolvendo não só o pensamento familiar, mas também cultural. Além disso, a sua principal característica é por definir-se como um texto curto, uma frase ou enunciado, que corresponde ao saber popular. A sua predominância se dá por ser o seu tipo textual argumentativo, pois podemos encontrar provérbios que criticam, confirmam, questionam ou esclarecem algum determinado ponto de vista. A sua relevância para a sala de aula se dá ao simples fato de ser um gênero que trabalha a oralidade e o envolvimento social dos alunos na cultura e na sociedade através dela. Os provérbios poderão ajudar os alunos na compreensão de textos que circulam no seu cotidiano, além de fazer refletir sobre os valores e costumes que circulam na vida de um povo.

Após essa aula expositiva, o professor pode fazer uma atividade diferenciada acerca do gênero “provérbio”. Para tanto, sugerimos que ele se valha dos “emoticons de whatsapp”, para criar enigmas que, desvendados, revelam alguns provérbios para os alunos.

O Exemplo 10 apresenta uma atividade em que se pode propor ao aluno/a uma forma descontraída para se conhecer mais provérbios a partir dos provérbios codificados em imagens.

**Exemplo 10:**

Em um primeiro momento, deve-se dividir a turma em grupos. Em seguida, como explicação inicial para a proposta, deve-se colar na lousa o provérbio codificado em imagens (a curiosidade matou o gato):



Então, em um segundo momento, deve-se escrever na lousa outro provérbio, só que, ao contrário desse, o aluno terá que “adivinhar” a sequência das carinhas, montando, assim, outro provérbio, só que codificado em imagens. Os alunos cientes da “brincadeira” passam a entrar no clima de competição. Por fim, cada grupo receberá um envelope contendo o provérbio escrito e as imagens soltas com o objetivo de poderem formar a sequência codificada para depois fazer com que os outros grupos tentem adivinhar

Para o passo seguinte, já encaminhando para finalizar o trabalho com os provérbios, por meio dos resultados obtidos através da entrevista acerca dos provérbios de conhecimento dos pais/ avós de cada aluno, que deve ter sido feita em outro momento, o professor poderá propor ao estudante que escolha um provérbio citado na entrevista pelos seus parentes para que os mesmos possam representar, através de ilustrações, o referido dito popular.

O Exemplo 11 apresenta uma atividade que pede ao aluno a produção do seu próprio provérbio como produção final de toda a sequência de atividades:

### **Exemplo 11:**

O professor e os alunos/as poderão confeccionar um grande painel intitulado de “*Painel da Sabedoria Popular*”, contendo tanto os provérbios de sabedoria popular ilustrados pelos alunos como também as releituras desses mesmos provérbios feitas pelos mesmos.

Com isso, espera-se que os/as alunos (as), a partir de todas as atividades realizadas, possam compreender como se dá o caráter sapiencial contido nos provérbios, além de aguçar os aspectos da fala e da escrita, por meio de propostas lúdicas, com intuito de criar um ambiente agradável e favorável para a prática da leitura e da escrita desenvolvendo no alunado a arte de pensar, imaginar, mas, sobretudo, vivenciar as diversas formas de linguagem a partir dos vários usos que se pode fazer dela.

Ainda no que se refere ao fato de ser a leitura um processo no qual o aluno, a partir dela, busca entrar em outras vivências, contextos de aprendizagem e interação, desse modo:

Por meio da leitura, tenho acesso e passo a fazer parte de uma comunidade, ou melhor, das várias comunidades de leitores, porque na leitura nunca estou sozinho, antes acompanhado de outros tantos leitores que junto comigo determinam o que vale a pena ser lido, como deve ser lido e, no seu limite, em que consiste o próprio ato de ler. A leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social. (COSSON, 2014, p.36).

Ou seja, segundo o pesquisador, uma das principais funções da escola é proporcionar, através do seu espaço onde se encontra uma rica diversidade de personalidades, de gostos, de vivências e saberes, essa troca de experiência e partilha do conhecimento mediante a prática da leitura.

No que diz respeito à relevância das propostas e, sobretudo, das temáticas aqui tratadas, nos vale refletir sobre o fato de levarmos para sala de aula conteúdos que, além de trabalhar e enaltecer aspectos importantes que sugerem abordagens diferentes para a prática de leitura e de escrita, também possibilitaram integrar os alunos a partir das vivências deles, como poderá ser o caso da reflexão e dos conjuntos de atividades sobre o exercício da fofoca, tema que não é tão recorrentemente abordado em sala de aula, mas que se faz presente, indiscutivelmente, na vida de toda a criança, adolescente e adulto também. Afinal de contas, quem nunca fofocou na vida?

E assim, aproveitando o sabor que se tem em saber da vida alheia, podemos mostrar aos alunos outro sabor: o de saber para além da vida alheia, o de conhecer como a linguagem é um elemento estruturante em nossas vidas e determina, inclusive, modos de ser e de existir. Nesse caso, sendo seres de

linguagem, quando temos consciência disso, nós podemos nos posicionar melhor como sujeitos no mundo. Acreditamos, pois, que será essa a maior aprendizagem que levaremos aos alunos com quem viermos a trabalhar a proposta que apresentamos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acreditamos que as propostas aqui apresentadas podem interessar a quem, em sala de aula, queira aplicá-las e verificar se poderão obter um bom êxito ou não, considerando-se as especificidades dos próprios alunos. Com esse trabalho, buscamos ressignificar não só as práticas já existentes na sala de aula, mas também o nosso próprio olhar sobre a docência. Do conjunto de atividades aqui planejadas e elaboradas, fica a satisfação de podermos proporcionar momentos significativos em que os nossos alunos poderão não só se posicionar como sujeitos de suas próprias ações, mas, sobretudo, dar vazão à imaginação e à fantasia, habilidades essas tão importantes para o processo de aprendizagem de competências como falar, ler, ouvir e escrever.

Este trabalho não vem, portanto, só abordar e oferecer uma proposta para ser aplicada em uma escola de ensino fundamental, mas, principalmente, compartilhar experiências a fim de que outros professores possam fazer uso delas não, simplesmente, como receitas, mas como ações que, realizadas com êxito, poderão ter um bom resultado. Afinal, como lembra Chiappini (1983, p. 113), “não há receitas; a única receita é a invenção e a luta contra o medo paralisador. Invenção que, no limite, é reinvenção de nós mesmos a cada momento e, por isso, sempre prazerosa, mesmo quando dói”. Nesse caso, em virtude da ausência de receitas ou, talvez, mesmo elas existindo, em virtude da falta de crença na operacionalidade de tais receitas, procuramos fazer com que o ensino, especialmente o de língua materna, como atualmente está configurado, deixasse de ser marcado por protocolos e convenções que têm pouco contribuído para a formação dos/as nossos/as alunos/as. Isso nos ensinou que, como docentes preocupados com essa virada no ensino, devemos trazer para nós mesmos a autonomia na condução do processo de

ensino, sobretudo, no que diz respeito à produção de materiais didáticos a partir de metodologias mais condizentes com as necessidades dos nossos alunos/as e frente aos novos desafios que se apresentam para o modelo atual de ensino que, ainda, se mostra um tanto quanto anacrônico. Por isso, a necessidade de experimentar práticas novas e compartilhamos para que, de experiência em experiência, possam, de fato, ofertar um ensino em que saber e sabor estejam ligados para além do próprio étimo.

## **EU FOFOCO, TU FOFOCAS E NÓS APRENDEMOS: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II**

### **RESUMEN**

Aunque se basa en nuestras intervenciones como becario del Programa Interinstitucional de Becas de Iniciación a la Docencia (PIBID) en una escuela de la red pública de enseñanza de Monteiro, donde, en una clase del 7º año, el presente trabajo no busca relatar las actividades desarrolladas, pero sistematizarlas de tal manera que los procedimientos que las constituyen puedan servir de parámetros para el desarrollo de actividades de promoción a la lectura en la enseñanza fundamental II. Para ello, partimos de la elección de una temática específica -la del chisme - y de géneros textuales específicos que tienen en el arte del mexicano una temática estructurante. Por eso, nuestra propuesta engloba géneros distintos como cordel, proverbio, crónica y letras de música que deberán ser leídos a la luz de la temática del chisme. En el marco de las orientaciones teórico-metodológicas de Geraldi (1997), Cosson (2006), Antunes (2003), Oliveira (2010) los estudiosos que han reflejado sobre la enseñanza de lengua materna y han intentado hacer que tal enseñanza pueda atender a las demandas contemporáneas y convertirse en significativo, en particular, para los discentes. En este sentido, esperamos que nuestro trabajo, fruto de la experiencia y de reflexiones de un profesor en formación inicial, pueda auxiliar a aquellos / a los docentes preocupados por la reformulación de prácticas pedagógicas que aún no han contribuido a la formación de un individuo crítico que sepa, por medio de la y en el lenguaje, constituirse como sujeto de sus discursos y (actu) acciones.

Palabras clave: Lectura escolar. Géneros Textuales. Secuencia - Didáctica.

## 5 REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro & Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua Portuguesa: Brasília, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHIAPPINI, Lígia. **Invasão da catedral: literatura e ensino em debate**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- DANTAS, Janduhi. **O Enterro da Beata Fofqueira** [Folheto de Cordel]/ Janduhi Dantas. Juazeirinho: Tiragem, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- IBIAPINA, Fontes. **Paremiologia Nordestina**. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2008
- KARNAL, Leandro. **A detração: breve ensaio sobre o maldizer**. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2016.
- KNÜPPE, Luciane. **Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental**. Educação em revista, Curitiba, n.27, p. 277-290, Jan./Jun 2006.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: A teoria na prática**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. “Sociologia da Fofoca: notas sobre uma forma de narrativa do cotidiano”; **ANPOCS. org – Portal das Ciências Sociais Brasileira**, 2015. Disponível: <[www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=1676&Itemid=350](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1676&Itemid=350)>. Acesso em 17/11/2015, às 08h30min.



SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & Cia.** São Paulo: Ática, 2003.

QUEIROZ, Raquel de. Vitalinas. Revista: O cruzeiro, 1959. Disponível em: [http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/19091959/190959\\_7.htm](http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/19091959/190959_7.htm). Acessado: 17/11/2015.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca:** 8. Ed. Campinas: Papyrus, 2003.

TEIXEIRA, Nelson Carlos. **O grande livro dos provérbios.** Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

# APÊNDICES

## **APÊNDICE A - SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

**UEPB - Universidade Estadual da Paraíba**  
**CCHE – Centro de Ciências Humanas Exatas**  
**Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro**  
**Letras com Habilitação em Língua Portuguesa**  
**PIBID – Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência**  
**Coordenador de área: Marcelo Medeiros da Silva**  
**Bolsista: Leandro Henrique de Souza Bezerra**

“Estudo do gênero provérbios a partir da temática ‘fofoca’”

### **1ª ETAPA: DA ARTE DE FOFOCAR**

Serão feitas as seguintes perguntas que visam não só introduzir a temática da aula, mas também sondar o que os/as alunos/as sabem acerca do que é fofoca:

1. O que é fofocar? O que leva uma pessoa a fofocar?
2. Você tem ou conhece um amigo (a) fofoqueiro (a)?
3. Em sua opinião, quem mais fofoca? O homem ou a mulher?
4. Já fez parte de uma fofoca? Com que objetivo?
5. Como você descreve uma pessoa fofqueira?
6. Que outros nomes são dados para o fofoqueiro (a)?
7. É possível confiar em alguém fofoqueiro? Em sua opinião, o fofoqueiro só mente ou fala a verdade às vezes?
8. Como é caracterizado (visto) um FOFQUEIRO?
9. A FOFUCA pode provocar intrigas ou inveja nas outras pessoas? Descreva uma Situação pelo qual você já passou por causa disso.

### **2º ETAPA: DINÂMICA DO TELEFONE SEM FIO**

**Dinâmica: Telefone Sem Fio**

**Objetivo:**

Refletir sobre os ruídos e/ou deturpações que acontecem na transmissão de informações na comunicação entre as pessoas e as implicações decorrentes de alguns mal entendidos na comunicação.

### **Procedimento:**

- Levar alguns provérbios para serem lidos na hora da dinâmica, os quais, semanticamente, estão voltados para o campo do fofocar e dos cuidados com o muito falar;

- Exemplos: “Quando morrer o corpo vai num caixão, a língua num caminhão”.
- “Fulano tem coceira na língua”.
- “Boca fechada não entra mosca”.
- “Quem muito fala, muito erra”.
- “O burro calado passa por sábio”.
- “A boca fala do que o coração está cheio”.
- “Quem conta um conto, aumenta um ponto”.
- “Quem muito fala, dá bom dia a cavalo”.
- “Quem fala o que quer ouve o que não quer”.

- Pedir que os alunos se posicionem, na frente da classe, um ao lado do outro.
- Explicar que será transmitida uma mensagem para o primeiro aluno e este passará as informações para o colega ao lado e assim sucessivamente, até chegar ao último aluno.
- Esclarecer que a mensagem deve ser transmitida de forma que ninguém escute com exceção daquele que está recebendo-a.
- Pedir que o último aluno fale qual a mensagem que recebeu. Com certeza, a mensagem estará truncada, distorcida, errada – Em seguida, revelar a mensagem inicialmente transmitida e refletir sobre o que foi transmitido inicialmente e o que, realmente, foi compreendido pelos alunos e repassado para os demais.
- Concluir refletindo sobre o que poderia ter causado “desvios” na mensagem inicial e ressaltar a importância dos provérbios para expressar o conhecimento popular contido nas palavras.

### **3º MOMENTO: CORDEL: “O ENTERRO DA BEATA FOFOQUEIRA”**

#### **Objetivo:**

Refletir sobre as representações acerca da arte de fofocar a partir da literatura de cordel;

Levar os alunos a ampliar o horizonte deles acerca da temática proposta.

Após a leitura do cordel, pretende-se com base nas questões abaixo verificar como os/as alunos/as interpretam o texto lido. Eis as questões que nortearão a discussão em torno do cordel “O enterro da beata fofoqueira”.

5. O que vocês entendem por “Beata Fofoqueira”?
6. Em sua opinião, por que para abordar o tema em questão o autor do cordel escolheu a figura de uma beata?
7. O autor do cordel poderia ter escolhido outros personagens? Quais, por exemplo?
8. No cordel, a história se passa em uma cidade pequena, onde vive a personagem fofoqueira que, além de ser “faladeira”, é rezadeira. Para você, por que o autor destaca uma cidade pequena? A história não poderia ser narrada em uma cidade grande?
9. Em sua opinião, o ofício realizado pela mulher faladeira (rezar) é próprio de quem é fofoqueiro?
10. Que outros ofícios podem ser atribuídos a pessoas que são comumente vistas como pessoas de língua grande?
11. O termo “Barata de Sacristia” foi aplicado à mulher fofoqueira. Você sabe o significado dessa expressão?
12. Identifiquem no cordel as características de um sujeito(a) fofoqueiro(a).
13. As características identificadas acima podem ser aplicadas a homens? Ou apenas a mulheres? Por quê?
14. Após elencarmos as características de um(a) sujeito(a) fofoqueiro(a), faça um desenho representando a personagem do cordel.
15. Sabe-se que o nome da mulher fofoqueira é Toinha. Se ela não fosse conhecida com esse nome, que outros poderiam servir para remetermos a ela?
16. Quando Toinha não sabia de moças sem namorado, ela dizia: “Pobre coitada! Vai morrer no caritó!” O que vem a significar a expressão “morrer no caritó”. Expor no quadro, cada significado atribuído pelos alunos acerca da expressão.
17. Depois dos comentários sobre a questão anterior, propor aos alunos a escuta da canção “Vitalina”, de Jackson do Pandeiro a fim de que os alunos reflitam sobre o significado da expressão “morrer no caritó”.

**Vitalina**  
**Jackson do Pandeiro**

Oi, bota pó,  
 Vitalina tire o pó,  
 Quem não casa aos trinta e dois,  
 Vai morrer no caritó.  
 (bis)

Outro dia Vitalina,  
 Quando foi se confessar,  
 Perguntou ao "Seu Vigário",  
 Se é pecado namorar,  
 Seu vigário respondeu,  
 Tenha pena de mim, tem dó,  
 Eu também fui nessa onda,  
 Vou morrer no caritó.

#### **4º MOMENTO: DINÂMICA: JOGO DOS PROVÉRBIOS**

##### **Objetivo:**

Levar os/as alunos/as a conhecerem diversos provérbios, em especial os voltados para a temática da fofoca.  
 Refletir sobre a presença e os usos do gênero “provérbio” no cotidiano.

##### **Dinâmica: Jogo dos Provérbios**

##### **Descrição:**

Confeccionar peças no molde de cartas de baralho, com cores diferentes, sendo que uma peça terá a sua base branca, contendo apenas uma gravura que corresponderá um provérbio. Por exemplo, menino chorando frente uma caneca de leite derramado. Outra carta será confeccionada com a cor azul e mais fina de forma que se encaixe nas cartas brancas. Em cada ponta das cartas azuis, há uma frase que representa o provérbio e a explicação daquele provérbio. Por exemplo: chorar o leite derramado → lamentar um fato ocorrido. Essa carta irá se encaixar no desenho do menino chorando com a caneca de leite derramado.

##### **Desenvolvimento**

Em grupo, os jogadores ficarão posicionados em círculo diante de uma mesa/cadeira contendo o monte empilhado das cartas brancas ao lado das cartas azuis. O primeiro jogador retira da mesa uma carta branca e em seguida uma azul. Se as características de uma se encaixarem corretamente com a outra, o aluno que está jogando dispõe a peça encaixada sobre a mesa e tem direito a mais uma jogada; caso contrário, devolve a azul para mesa, permanece com a branca na mão, passa a vez para o outro jogador e na

próxima rodada pega novamente outra azul para tentar formar o encaixe. Vence o jogo quem conseguir formar mais encaixes.



Exemplos das cartas do jogo a serem confeccionadas

## 5º MOMENTO: OS PROVÉRBIOS: SABERES DA LÍNGUA DO POVO

### Objetivo:

Caracterizar o gênero “provérbio” a partir do tipo de linguagem empregada, recursos estilísticos e circulação.

### 1ª Etapa:

- Exibição de slides com conteúdos teóricos acerca do gênero “provérbio”;
- Apresentação do vídeo “A lebre e a Tartaruga”;

### 2ª Etapa:

Discutir a temática do vídeo com o intuito de fazer com que os alunos, a partir da ideia retirada do vídeo, citem provérbios que possam representar/substituir a moral da fábula assistida. Ex: “Devagar se vai longe”, “O apressado come cru”, “Antes tarde do que nunca”, “Os últimos serão os primeiros” etc.

### 3ª Etapa:

Em vista das possíveis respostas dos alunos serem alusivas aos provérbios para representar a moral da fábula, a partir delas, utilizando a lousa, irei escrever cada dito para que juntamente com a turma modifiquemos cada provérbio, atribuindo, assim, outro(s) sentido(s) a eles.

## 6º MOMENTO: DOS PROVÉRBIOS AO BOM CONSELHO DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

### Objetivo:

Fazer com que os/as alunos/as identifiquem os provérbios presentes na canção de Chico Buarque;  
 Refletir sobre os efeitos de sentido que o compositor emprestou aos provérbios ao inverter a lógica de alguns ditados populares que aparecem na canção.

1ª Etapa: Audição da canção Bom Conselho, de Chico Buarque.

### **Bom conselho**

Ouçã um bom conselho  
 Que eu lhe dou de graça  
 Inútil dormir que a dor não passa  
 Espere sentado  
 Ou você se cansa  
 Está provado, quem espera nunca alcança.  
 Venha, meu amigo  
 Deixe esse regaço  
 Brinque com meu fogo  
 Venha se queimar  
 Faça como eu digo  
 Faça como eu faço  
 Aja duas vezes antes de pensar  
 Corro atrás do tempo  
 Vim de não sei onde  
 Devagar é que não se vai longe  
 Eu semeio o vento  
 Na minha cidade  
 Vou pra rua e bebo a tempestade.<sup>8</sup>

2ª Etapa: Análise e discussões

- Após a leitura e a audição da música bem como após os comentários dos/as alunos/as, pretende-se, através de perguntas, fazer com que eles/as apontem as inversões/contradições implícitas em alguns versos e revelem a outra “face” que os provérbios podem conter. Para tanto, pensamos em fazer as seguintes perguntas:
1. Você já conhecia os provérbios? Quais? Onde conheceu? Alguém os contou para você? Quem?
  2. Em que ocasiões em nossa vida, podemos recorrer aos provérbios? E por que recorremos a esses ditos em certos momentos?

---

<sup>8</sup> Provérbios invertidos pelo autor: “Se Conselho fosse bom, dava-se de graça”; “Dorme que a dor passa”; “Quem espera sempre alcança”; “Quem brinca com fogo se queima”; “Faça como eu digo, mas não faça como eu faço”; “Corramos atrás do tempo”; “Devagar se vai longe”.



3. Para você, os ditados transmitem algum ensinamento? Que ensinamento(s) seria(m) esse(s)?
4. Será que cada provérbio proferido remete a uma realidade específica? Cite um exemplo.
5. Na canção, afirma-se: “Está provado, quem espera nunca alcança”. Aqui, o autor remete ao provérbio “Quem espera sempre alcança”. A seu ver, é possível estabelecer um sentido para as duas expressões? Será realmente que quem só espera consegue alcançar algum objetivo na vida?
6. No verso: “Devagar é que não se vai longe” Que outro dito popular nega a ideia que o compositor da letra quer passar para o leitor?

3ª Etapa: Após os comentários da turma, entregarei um roteiro com perguntas para serem respondidas pelos pais de cada aluno(a) afim de fazer com que cada aluno traga uma quantidade de provérbios de conhecimento dos seus pais.

### **3ª ETAPA: CRIAÇÃO DE UM PROVÉRBIO**

**Objetivo:** Espera-se que o aluno(a) aprenda como se configura um provérbio, compreendendo o seu caráter sapiencial e o uso conciso que os ditos populares contém.

Desenvolvimento:

Antes de pedir aos alunos a criação de um provérbio, irei reforçar a ideia de que os provérbios são de caráter sapiencial, que nos passam ensinamentos, além de perceber que eles são expressões ditas de forma concisa, ou seja, em poucas palavras, para que a partir disso os alunos possam (re) criar os seus.

1ª Etapa: Dividir equipes

- Em um primeiro momento, antes da criação, irei fazer com que os alunos tentem adivinhar um dado provérbio codificado em emoticons de whatsapp, num total de cinco ditos codificados, que serão coladas na lousa, como no exemplo abaixo:



Dito popular: “A curiosidade matou o gato”.

- Em um segundo momento escreverei alguns provérbios para que a equipe possa adivinhar a sequência das imagens.
- Por fim, em grupo, cada equipe receberá um provérbio para tentar converter em imagens, para depois fazer com que os outros grupos adivinhem.

## 8º MOMENTO: CONFECÇÃO DO PAINEL DA SABEDORIA POPULAR

**Objetivo:** Espera-se que os alunos(as) a partir de todas as atividades realizadas, possam compreender como se dá o caráter sapiencial contido nos provérbios, além de aguçar os aspectos da fala e da escrita, por meio de propostas lúdicas.

**Desenvolvimento:**

- Com o resultado da entrevista feita na casa de cada aluno, pedirei que cada aluno(a) escolha um provérbio selecionado pelos seus pais, para que os mesmos possam representar, através de ilustrações, o referido dito popular e na sequência expor cada trabalho feito em um espaço intitulado “Painel da Sabedoria Popular.”<sup>9</sup>



Imagem ilustrando como será feito o painel

<sup>9</sup> Como plano B, levarei outros provérbios impressos, caso não venham a levar os provérbios pedidos.

## Bibliografia:

IBIAPINA, Fontes. **Paremiologia Nordestina**. 3. Ed - Teresina: EDUFPI, 2008.

TEXEIRA, Nelson Carlos. **O grande livro dos provérbios**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

<http://rede.novaescolaclube.org.br/planos-de-aula/de-grao-em-grao-historia-dos-proverbios>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=38493>

<https://ensfundamental1.wordpress.com/407-2/>

<https://ensfundamental1.wordpress.com/proverbios-e-ditados-populares27/>

[http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/19091959/190959\\_7.htm](http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/19091959/190959_7.htm)

<https://movimentoculturalgaia.wordpress.com/2009/07/20/o-bom-conselho-de-chico/>

# ANEXOS

## ANEXO A – CORDEL: “O ENTERRO DA BEATA FOFOQUEIRA”

APOIO CULTURAL:

**Mila**

**Refeições e Lanches**

Org. Suely Vieira  
Kleber Félix

Rodoviária de Soledade - Paraíba  
Box nº 04

**Elitairado Vieira**  
Música E Harmonia

FABRICAÇÃO, CONSERTOS  
E GRAVAÇÕES EM JOIAS

Rua José Genuíno, nº 304  
Centro - Patos - PB

**MARANATA**  
ASSISTÊNCIA FAMILIAR

Rua João Vidal Guedes, 92  
Centro  
Juazeirinho - Paraíba

FONE: (83) 3382-1363 / 9444-1544

**IRMÃOS  
Cantalice**  
O SUPERMERCADO DA FAMÍLIA FELIZ

(83) 3382-1279 / 9104-9997 / 9947-2015  
supercantalice@uol.com.br

Rua Humberto Evaristo, 64 - Centro  
Juazeirinho - PB

EDIÇÃO:

IMPRESSÃO:

**Carrapicho**  
EDITORA

Literatura de Cordel e Popular


**GRAFICA  
MARTINS**

(83) 3322-8647  
graficamartins@uol.com

LITERATURA DE CORDEL

**“O Enterro da  
Beata Fofqueira”**

Autor: Janduhi Dantas



Capa de Altrenaldo Cabral  
Juazeirinho / PB - Fevereiro de 2012 - 4ª Edição - Tiragem: 1.000 exemplares

## De Janduhi Dantas

LEIA TAMBÉM:

### Livro

- "Lições de Gramática em Versos de Cordel"

### Folhetos

- "A Mulher que vendeu o Marido por R\$ 1,99"
- "O aluno inteligente e os colegas ignorantes"
- "O enterro da beata fofoqueira"
- "O homem mais importante aos olhos do Senhor"
- "História do chefe mau que prestou contas ao Cão"
- "Patos, terra de calor humano"
- "Peleja da Carta com o E-mail"
- "Teologia da Libertação: celebrando o pão da vida"
- "Os dez mandamentos do voto"
- "A alma do senador que caiu na lãbia do Cão"
- "História do nacionalino que escapou de ser esportista"
- "As três verdades de Deus" (adaptação de um conto de Tolstoy para o cordel)
- "Viagem aos 80 anos da Revolta de Princesa"
- " Nacional: 50 anos de história e de paixão"

## LITERATURA DE CORDEL

### "O Enterro da Beata Fofoqueira"

Autor: Janduhi Dantas

Toda cidade pequena  
tem a sua rezadeira  
daquela que além de reza  
gosta de ser faladeira  
da vida de todo mundo  
a famosa fofoqueira.

01

No meu tempo de menino  
em Patos lembro que havia  
uma mulher rezadeira  
e a molecada dizia  
na hora em que ela passava:  
"Barata de sacristia!".

Dessa mulher boateira  
me lembro bem da feição:  
bem baixinha e rechonchuda  
mais parecia um bujão  
ia pra missa de véu  
levava um terço na mão.

O seu nome era Toinha  
 todo mundo a conhecia  
 e a reciproca verdadeira  
 pra dizer isso daria:  
 da vida de todo mundo  
 Dona Toinha sabia!

A vida de todo o povo  
 a carola reportava  
 deixava o terço de lado  
 e a sua lingua afiava  
 pra falar da vida alheia  
 e a tesoura cortava!...

02

Da vida de seu ninguém  
 Toinha não tinha dó:  
 quando sabia de moça  
 sem um namorado, só  
 dizia: "Pobre coitada!  
 Vai morrer no caridô!"

Se uma moça se perdia  
 nos braços de um rapaz  
 era a primeira pessoa  
 a saber, e logo mais  
 toda a cidade sabia  
 por Toinha leva-e-traz.

O rapaz muito educado  
 e não tendo um vozeirão  
 e além do mais passando  
 sem namorada um tempão  
 Toinha logo espalhava:  
 "Ele tá virando a mão!"

Se um pai não ia muito  
 à missa com muita fé  
 boatava a faladeira:  
 "Só vive no vai-quem-quer  
 chega em casa só as tangas  
 inda bate na mulher".

Se a missa do domingo  
 dita por Padre Noronha  
 o rapaz não fosse, ela  
 dizia: "É um sem-vergonha  
 deixa de ir para a missa  
 para ir fumar maconha".

Só andava com um terço  
 mas vivia no pecado  
 a esmola que ela dava  
 para um mendigo aleijado  
 era lhe dizer na cara:  
 "Você de ruim veio marcado!"

03

Quando chegava da missa dava toda a reportagem:

"Vi Dona Rosa na Igreja que era só pabulagem só porque pra João Pessoa vai fazer uma viagem".

"Galego de Zê de Ana foi à missa finalmente sapato e roupa bonita tava parecido gente tava com a namorada todo prosa e sorridente."

04

"Ritinha de Dona Estela foi quem fez hoje a leitura deve estar passando fome porque tá dessa finura mas eu sei: é o namorado quando a rua fica escura!"

E os próprios filhos dela faziam reclamação:

"Mãe, esqueça a vida alheia cuidado, preste atenção que a língua da senhora não vai caber no caixão".

De alguém dizer seu nome a morte só quer o pé: o "esqueleto com a foice" que tão traíçoeiro é em um dia bem cedinho veio buscar a mulher.

A mulher se dirigia pra cozinha, pro fogão repentinamente deu-lhe uma dor no coração e Toinha caiu dura estatelada no chão.

Quando os filhos acordaram encontraram a mãe na sala estrada, já sem vida (todos ficaram sem falar!) no fim, só restou comprar o caixão em João das malas.

Logo, logo a Difusora de Otacilio anunciou:

"Dona Toinha hoje cedo pra outra vida passou" e na *Cruzeiro do Sul* ninguém quase acreditou.

05



"Pronto, padre — disse Biu — encontrei a solução: corte a língua da finada olhe aqui, pegue o facão a língua dessa mulher tem que ir noutra caixa!"

A família concordou com ideia tão cruel foi o jeito conformar-se e ninguém fez escarceu seguiram com os dois caixões em busca do *São Miguel*.

08

Esse foi de fato um caso de grandes repercussões deu nos jornais de Campina e de outras regiões:

"Uma mulher foi em Patos enterrada em dois caixões".

Se alguém achar que é mentira que os fatos são irreais mande e-mail pro inferno perguntando a Satanás se por lá tem papa-hóstia da língua grande demais!

### Janduhi Dantas

Nóbrega é paraibano de Patos. Servidor do TJPB em Juazeirinho, nas horas vagas escreve cordel e dá aulas de Português em cursinhos pré-vestibulares em Patos e região. É autor de "Lições de Gramática em Versos de Cordel", livro publicado pela Editora Vozes. Autor de cordéis engraçados e de temática social, seu folheto "A Mulher Que Vendeu o Marido Por R\$ 1,99" (que acaba de alcançar a tiragem de dez mil exemplares) foi adaptado com sucesso para o teatro de rua e de tablado por grupos de várias partes do país, a exemplo do Grupo Chegança, de São Luiz do Maranhão, e dos mineiros Casa Laboratório e Cia Teatral Nós Dois.



CONTATO: \_\_\_\_\_

jdantasn@yahoo.com.br